

ENTRECRUZANDO A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS E RUBÉN DARIO: O Sentido da morte

Por ¹ Maria José de Jesus PEREIRA

Por ² Bruna dos Santos SILVA

Resumen: Neste artigo, adentra-se no universo literário dos escritores Augusto dos Anjos e Rubén Dario, buscando apresentar semelhanças em seus estilos literários, o significado do sentimento sombrio em seus versos e nas temáticas de seus poemas, tendo como foco o sentido da morte para os mesmos. Para tanto, buscou-se dialogar com os estudos dos teóricos, Antônio Cândido (1999), Arthur Shopenhauer (2004), entre outros. Esse estudo visa ampliar e contribuir com as discussões em torno da produção poética dos autores, mostrando dentre tantas possibilidades o olhar poético dos mesmos sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Poética, Morte, Estilos literários.

Sumário: I. Introdução. II. Poetas Modernistas: Uma breve biografia. 1. Características Literárias. 2. Análise dos poemas. III. Considerações Finais. IV. Referências.

¹ Graduada em Letras- Espanhol pela UEMA. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UVA. Pós Graduada em Docência do Ensino Superior; pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo CAPEM. Mestranda em Governança e Gestão da Educação pela UCES

² Graduada em Letras –Espanhol pela UEMA.

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade fazer uma abordagem sobre a temática da morte e sua representação no contexto poético. Inicialmente, apresenta –se algumas considerações sobre este tema, a fim de evidenciar características pulsantes nos estilos literários de Rubén Dario e Augusto dos Anjos, considerados como poetas malditos, exatamente por imprimirem em suas obras estilos e questões que reincidentem ao objeto em estudo. Mediante a esta exposição buscou –se mostrar a importância da temática da morte, correlacionado - a no contexto da produção poética desses escritores, .

Deste modo, apresenta –se uma análise comparativa das obras , e por meio destas provocar a reflexo sobre o sentido da morte para eles, partindo do pressuposto que ambas carregam consigo uma carga temática semelhante no que tange a melancolia, pessimismo, exotismo, mistério, inclinação para morte entre outros temas. Nesse aspecto, inicialmente abordaremos sobre um breve histórico bibliográfico dos poetas; suas características literárias e análise comparativa dos poemas.

Para tanto, como aporte teórico dialoga –se como os estudos de Antônio Cândido (1999), uma vez que este traz em sua abordagem a questão sentimental, o lado melancólico dos poetas incomprendidos pela sociedade; e o filósofo Shopenhauer (2004), que fala em sua temática que o medo da morte acontece pela falta do conhecimento da mesma, caso contrário, a tendência do homem é esperar seu fim de forma tranquila.

Portanto, por meio dessas obras pretende –se mostrar a características literárias entre esses autores no que tange o sentido da morte para ambos, fazendo o uso de recursos estilísticos, analisando a linguagem e estilo. Desse modo, esse universo literário é de suma importância para todos os interessados na área.

II. POETAS MODERNISTAS: Uma breve biografia.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em Engenho Pau D'Arco, na Paraíba, em 20 de abril de 1884. Cursou Direito em Recife, porém seu ofício era lecionar Língua Portuguesa em seu estado e, posteriormente, no Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1910 com sua esposa. Em 1911, com a morte de seu primeiro filho, viveu a primeira grande tragédia de sua vida pessoal. Em 1912, foi publicado seu único livro, denominado “Eu. Faleceu aos 30 anos de idade, vítima de pneumonia, no dia 12 de novembro de 1914, na cidade de Leopoldina.

Félix Rubén García Sarmiento nasceu em Metapa, na Nicarágua, em janeiro de

1867. Mas passou toda a infância em León, na casa dos avós. Mais tarde adotou, de um avô, o sobrenome “Darío”. Aos treze anos de idade publicou seu primeiro poema. Aos quinze ele já colaborava em jornais da capital, Manágua, para onde se mudou.

Suas primeiras publicações, no entanto, saem em Santiago do Chile, onde, na época, ele residia: *Abrojos* (1887), *Primeras notas* (1888), inicialmente intitulado *Epístolas y poemas*, e *Azul* (1888), poesia e contos, que se tornará um de seus livros mais conhecidos e que é um dos marcos do modernismo nas Américas. E em 1916 veio a óbito.

1. CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS

Augusto dos Anjos é um poeta excepcional, incomparável na literatura brasileira é considerado o poeta do “mal gosto”, do feio, grotesco, hediondo, escarro entre outros. Sua obra é a soma do realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo e outras tendências da segunda metade do século XIX e início do século XX.

Já Rubén Darío, o poeta maldito da América é considerado o pai do modernismo e um dos grandes inovadores da linguagem poética em letras espanholas. Suas produções representam os dois lados do atlântico e são repletas de símbolos e ferramentas que influenciaram centenas de escritores.

Ambos os autores abordam em suas obras características semelhante no que tange a angústia, a melancolia, a dor, inclinação para morte, o exotismo, entre outros.

Partindo-se do objeto da literatura comparada, que é o de descrever a passagem de um componente literário de uma literatura para outra, pode-se estudá-la sob dois pontos de vista: focalizando-se principalmente o objeto de passagem, ou seja, o que foi transposto (gêneros, estilos, assuntos, temas, ideias, sentimentos) e observando-se como se produziu a passagem. (Romero como citado em Nitrini, 2000, p. 33).

Sendo assim, dentre as vastas obra dos autores foram selecionados os seguintes poemas, Solitário que está contida no livro “Eu” de Augusto dos Anjos; e Lo Fatal que pertence ao livro Cantos de vida y esperança de Rubén Darío.

2. ANÁLISE DOS POEMAS

No poema *solitário* é possível perceber o apego exagerado à morte, e em *lo fatal* fala da incerteza do viver, ou seja, o homem caminha rumo a morte e cada amanhecer será uma surpresa.

SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia Na solidão da natureza morta, Por trás dos ermos túmulos, um dia, Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia Não era esse que a carne nos contorta... Cortava assim como em carniçaria O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça! E eu saí, como quem tudo repele, — Velho caixão a carregar destroços —Levando apenas na tumba carcaça O pergaminho singular da pele E o chocalho fatídico dos ossos!

LO FATAL

Dichoso el árbol, que es apenas sensitivo, y más la piedra dura porque esa ya no siente, pues no hay dolor más grande que el dolor de ser vivo, ni mayor pesadumbre que la vida consciente.

Ser y no saber nada, y ser sin rumbo cierto, y el temor de haber sido y un futuro terror... Y el espanto seguro de estar mañana muerto, y sufrir por la vida y por la sombra y por

lo que no conocemos y apenas sospechamos, y la carne que tienta con sus frescos racimos, y la tumba que aguarda con sus fúnebres ramos,

¡y no saber adónde vamos, ni de dónde venimos!...

Segundo o filósofo Shopenhauer (2004), a morte é a derrota do desejo de viver. Nesse sentido, podemos inferir que há este sentimento no poema Solitário quando o eu lírico sofre por um amor não correspondido em que fica a espera da pessoa amada a qual não percebe esse amor nem sua existência. Assim como na última estrofe na qual fica clara uma das suas principais características que é o apego à morte, o eu – lírico diz que esperou a amada sem obter respostas e que saiu da porta em carcaça dentro de um caixão e apenas em pele e osso.

Dessa forma, a morte de modo geral é vista como um grande mal, mas por outro lado, também é encarada como um bem, ou seja, como algo desejado de forma que vem sanar os sofrimentos causados em vida. De acordo com o filósofo:

O conhecimento, ao contrário, bem longe de ser a causa do apego à vida, atua em sentido aposto; ele revela o pouco valor da vida, e combate, desse modo, o medo da morte. Quando prevalece o conhecimento, o homem avança ao encontro da morte com o coração firme e tranquilo" (Shopenhauer 2004, p.26)

No poema Lo fatal Dario utiliza elementos da natureza para externar os sentimentos que envolvem seu ser. O poema fala do contraste entre vida e morte. É o grito de desejo e ao mesmo tempo o medo da morte. Ele utiliza a simbologia da perda poética, para representar a felicidade do não sentir justaposta com martírio e sentimento de se estar ciente de sua existência. Nestas duas produções fica visível o posicionamento do eu lírico a aversão à vida e imensa tristeza, acompanhados de angústia e melancolia. Nesse aspecto, como cita Lovo (2016):

[...]este extraordinario texto que refleja la crisis existencial del hombre contemporáneo. En mi modesto entender la crisis del ser humano moderno, en la época cuando vive Darío y la de los seres humanos postmodernos, esa angustia por la intrascendencia de nuestra existencia que nos toca vivir en estos días aciagos". (p.28).

No poema Solitário o eu – lírico sofre por um amor não correspondido, em que fica à espera da pessoa amada a qual não percebe o esse amor e nem a sua existência. Na última estrofe fica clara uma das suas principais características que é o apego à morte quando o eu – lírico diz que esperou a amada sem obter respostas e que saiu da porta em carcaça dentro de um caixão e apenas em pele e osso.

Dessa maneira, de acordo com o texto, fatalmente o ser humano, desde o momento da sua existência, está condenado às dores e fadado ao nada. O poema não nega que o homem é um ser que caminha para a morte:

O modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral nesse tempo entre os poetas jovens (muitos dos quais mortos

na quadra dos vinte anos), e isso os tornou populares numa sociedade sequiosa de emoções fáceis. (...) Esses jovens poetas que se apresentavam como rejeitados pelas convenções e incompreendidos pela sociedade, foram paradoxalmente os mais queridos e difundidos no Brasil do século XIX, chegando às camadas modestas pela onda de recitais e serenatas que cobriu o país. (Candido, 1999, p. 44).

Com relação à estrutura, pode –se dizer que ambas as produções proporcionam austeridade na forma e rico conteúdo metafórico, são representações pessimistas que retratam um olhar angustiado da vida, uma intensa nostalgia, a incredibilidade, com uma linguagem e estilo personalizado que critica a condição humana. Fica em evidência uma espécie de transvaloração estética, onde o horrendo, o grotesco e o dissonante assumem sua condição de belo, assim como, o jogo de palavras, a sonoridade dos versos.

É nítido em ambos os poemas características voltadas a abordagem da morte, bem como o eu lírico quando expõe que almejou a adorada sem conseguir sequer retorno se afastou da porta em carcaça dentro do caixão e somente em pele e osso.

Desse modo, “Solitário” revela os sentimentos do eu lírico ao ser deixado e desamparado ao frio daquele dia, “[...]Fazia frio e o frio que fazia/ Não era esse que a carne nos conforta/ Cortava assim como em carniça/ O aço das facas incisivas corta!/ Mas tu não vieste ver minha desgraça ! [...]”. Suas poesias descrevem uma visão aflita da vida, ou seja, pessimista, juntamente como uma lamúria perto de ser cruel e vulgar, repreende a condição humana.

Vale mencionar que esses autores trazem suas produções sentimentos pessimistas sobre a existência humana, e um apego exagerado pela morte. Desse modo, segundo Romero como citado em Candido, 2006, p.163):

A melancolia, o humor negro, o sarcasmo, o gosto da morte traçam à roda do grupo estudantil um círculo de isolamento que acentua, para o observador, o seu caráter de exceção na sociedade ambiente. É a típica tonalidade paulistana, difundida por todo o país, contribuição original desta cidade ao Romantismo brasileiro, ligada à pessoa e à obra de Álvares de Azevedo — principalmente o Macário e A noite na taverna. (p.163)

A temática em Lo fatal se faz presente numa analogia sombria representada no calor dos versos e na volúpia dos sofrimentos e aflições do indivíduo se conjectura em alguma coisa intensa e universal “[...]y sufrir por la vida y por la sombra y por lo que no conocemos y [...].

Diante deste fragmento somos expostos a uma reflexão grandiosa a respeito

do vazio das coisas como, por exemplo, o nada e a morte em seus estágios mais desedificados, referenciando fortemente a morte.

É importante frisar que nos dois poemas, o uso das reticências é para mostrar a subjetividade dos poetas, elas tem um grande poder de sugestão e ricos matizes melódicos, seu uso depende do estado emotivo do escritor.

Nesse aspecto, as reticências são utilizadas para transmitir na linguagem escrita sentimentos e sensações típicas da linguagem falada, com hesitações, dúvidas, surpresa, suspense, tristeza, ironia entre outras. Sendo assim, isto é evidente nos versos: *y el temor de haber sido y um futuro terror... !y no saber adónde vamos, ni de donde venimos!.../ Não era esse que a carne nos conforta...!*

Todo poema possui uma carga semântica inevitável. Em Lo fatal e Solitário, é bem evidente o uso de figuras de linguagem, sendo que nestes é notório a utilização de vocábulos nos quais são atribuídos sentimentos humanos a seres inanimados.

Nesse sentido, fica bem explícito no fragmento do poema lo fatal: / “*Dichoso el árbol, que es apenas sensitivo*”/ e em solitário no trecho: / “*na solidão da natureza morta*”, representando uma prosopopeia, bem como redundância de termos no âmbito das palavras, / “*y más la piedra dura porque esa ya no siente*”/[...] !cortava assim como em carniçaria aço das facas incisivas corta”, pleonasmo, repetições de fonemas que auxiliam na musicalidade dos versos dentre outros elementos intrínsecos no texto.

Em consonância com os dois poemas acima analisados, temos o poema Nocturno de Rubén Dario e Obsessão do sangue de Augusto dos Anjos, que falam também sobre o sentido da morte.

O poeta tenta esclarecer como se dá a aversão de sentimentos que o eu –ílico demonstra. A dor aparece, primeiramente, como um imenso sofrimento que leva ao desespero, mas logo se torna uma fonte de prazer baseado no repúdio: também mostra a relação de dor humana com a proximidade da morte, levando em consideração a retratação do sofrimento carnal e a notabilidade do sangue.

Traz a ambiguidade na contrariedade de sentimentos, sendo que a mesma está presente no eu –ílico, que narra e observa toda a situação, ora com terror, ora com impassibilidade, como se soubesse o desfecho que irá surpreender o leitor.

O poema, Nocturno de Rubén Dario pertence a obra *Cantos de vida y esperanza*. Esta produção é uma reflexão amarga sobre a angustia da existência. O momento da noite e toda noite e toda a magia que envolve a escuridão são elementos basilares para a construção do sentido sombrio dos versos, assim como a sua inquietude melancólica é o reflexo dos pesares, embargos, decepções, tristezas e dores sofrida na vida externado pelo poeta em versos.

A poesia de ambos escritores é marcada pela união de duas concepções de mundo distintas: de um lado, a dor cósmica, que busca o sentido da existência humana; de outro lado, a objetividade do átomo, a experiência físico – química. O que mais aproxima os escritos ao público leitor é a ousadia ao utilizar uma temática tão presente que aborda questões em torno das incertezas do século XX, do medo da guerra, sua angústia em face de problemas e distúrbios pessoais e seu pessimismo.

NOCTURNO

Quiero expresar mi angustia em versos
que abolida dirán mi juventude de rosas
y de ensueños, y la desfloración amarga
de mi vida por um dolor y cuidados
pequeños.

Y el viaje a um vago oriente por
entrevistos barcos, y el grano de
oraciones que floreció en blasfêmias, y
lós azoramientos del cisne entre los
charcos, y el falso azul nocturno de
inquerida bohemia.

Lejano clavicordio que em silencio y
olvido no diste nunca al sueño la sublime
sonata, huérfano esquife, árbol insigne,
oscuronidoque suavizó la noche de
dulzura de plata...

Esperanza olorosa a hierbas fresca, trino
del risueño primaveral y matinal,
azucena tronchada por um fatal destino,
rebusca de la dicha, persecución del
mal...[...]

A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrible! O osso
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,
Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,
Na mão dos açougueiros, a escorrer
Fita rubra de sangue muito grosso,
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucinada,
Viu montanhas de sangue enchendo a
estrada,
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo,
O monocromatismo monstruoso
Daquela universal vermelhidão!

Nesse sentido, de acordo com Silveira (1964 como citado em Carvalhal, p.20):

Em literatura comparada procedem-se as comparações de caráter especial e com finalidade positiva. Com a finalidade, extremamente fecunda para a historia do espírito, de verificar a filiação de outra obra ou de um autor a obras e autores estrangeiros, ou de um momento literário ou da literatura interna de um país a momentos literários ou literaturas de outros países.

É importante mencionar que os poetas utilizam em suas obras as figuras de linguagem como, sinestesia, prosopopeia, metáfora, antítese, pleonasmo dentre outras, transmitindo para suas produções o pessimismo, a inclinação para a morte, o medo, características da aversão à vida, imensa tristeza acompanhada de angustia e melancolia. Sentimentos com o mesmo sentido literário, nos proporcionando assim, uma rasa comparação de estilos e temáticas aderida por ambos os poetas.

Portanto, é notório em ambas produções o tom pessimista presente nos versos. A vida é vista como se fosse nada, uma passagem cheia de dor e ressentimento que conduz a um único destino, que é a morte. Sentimentos como o amor, por exemplo, é tratado como um instinto, ou às vezes como uma espécie de veneno que corrompe a alma. A dor existencial é vivida amargamente em cada verso utilizando palavras que expressam a dor do viver e sentir e estas são transmitidas ao seu leitor.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da morte é expressa sobre óticas perspectivas distintas. Devido às influências e às diferenças contextuais de cada escritor. Os poetas acabam por enveredar-se na morbidez simbólica, por meio das palavras, cada qual ao seu modo; sendo que mesmo que tratem de temas semelhantes, em suas obras estão afloradas suas subjetividades deferindo assim, não só os períodos uns dos outros, mas as especificidades individuais, mesmo daqueles que compartilham semelhantes influências.

Simbolicamente existem várias características expressam a ligação literária que percorre a obra de ambos os poetas. O nicaraguense é consagrado como o máximo representante de uma nova corrente literária em língua hispânica, ao fazer florescer como ninguém o Modernismo, com sua inigualável maestria sendo influenciado pelas correntes francesas parnasianismo e simbolismo. Já o paraibano foi um precursor das ideias modernistas em América, quando rompe com a noção de que a poesia só deve

expressar o que é lírico e agradável. Por este e outros aspectos é considerado parnasiano por uns e simbolista por outros. Parnasiano, em virtude de sua preferência pelo soneto, que executava com perfeição e rigor. Simbolista, pela sugestão ao pessimismo, pela preocupação com a psique e o decadentismo.

Portanto, independente do período, ou das características de cada autor, a abordagem sobre a morte manifesta –se, no texto poético, como expressão simbólica de grande parte dos questionamentos e incertezas da humanidade, transpostos, por exemplo, nos períodos analisados, especificamente por meio das subjetividades poéticas que os compõem. Os poemas analisados retratam a temática por meio das especificidades de cada poeta, refletindo perspectivas que se diferem acerca de um mesmo tema, na presente análise, a morte.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anjos, A. (1978). *Toda a poesia*. [2a ed]. Paz e Terra.
- Carvalhal, T.F (1998). Literatura Comparada .[3a.ed.]. Ática.
- Jozef, B. (1982). História da Literatura Hispano-americana. Francisco Alves.
- Lovo, A. (2020). El problema filosófico en “Lo Fatal” de Rubén Darío.
file:///C:/Users/Eduarda/Downloads/El_problema_filosofico_en_Lo_Fatal_de_Ruben_Dario.pdf.
- Romero, C.S. Três faces da morte: análise comparada dos Períodos Barroco, Romântico e Moderno. VI EPCT (*Encontro de Produção Científica e Tecnológica*). In: CÂNDIDO.http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/linguistica_letras_artes/13.pdf.
- Tufano, D. (1995). Estudos de Literatura Brasileira. Moderna.
<https://ciudadseva.com/secciones/nocturno-de-ruben-dario/>.